



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

F E V E R E I R O 2 0 0 9 - N ° 2 2 2

A CONFORMAÇÃO COM CRISTO CRUCIFICADO

Pe. Nello Dalle Vedove

11 – O CRUCIFIXO NA VIDA DO SACERDOTE

Pe. Gaspar considera o sacerdote como crucificado e morto para o mundo “Para exemplo efetivo e verdadeiro é preciso que eu esteja no mundo como em um estado de sofrimento; que o mundo seja a minha cruz.” (II, 2267). “Morto ao mundo. Não basta estar crucificado, porque se pode estar crucificado, mas vivo. É preciso estar morto” (II, 2522).

Os sacerdotes como soldados são convidados por Cristo a conquistar as almas com a pregação. “Por primeiro se esforcem por induzi-los ao espiritual afeto à pobreza” (II, 2522). “Também atraíam ao desejo do opróbrio e do desprezo; daí nasce a virtude da humildade” (II, 2523).

Pe. Gaspar insiste para que o sacerdote medite cotidianamente a Paixão. “Assim como foi exaltada a serpente no deserto (cf. Jo 3,14), o sacerdote mordido pela serpente infernal olha com atenta consideração (meditação cotidiana) o Crucifixo. Infelizmente os padres pensam menos no crucifixo do que os outros” (II, 2698).

“O que devemos fazer por quem padeceu tanto por nossa causa, ofereceu-se e entregou-se por nós? (Hb 9,14; Gl 2,20)” (II 1631). A resposta de Pe. Gaspar era desapego e conversão.

“Tudo o que existe sobre a terra e não tem relação com a terra deve ser indiferente para mim; ou melhor, deve ser nada para mim” (II, 2643). As condições para chegar ao céu são iniludíveis. “Cristo entrou no céu com as cicatrizes das Chagas. Eis o preço pelo qual comprei este reino (diz ele). O que, de minha parte, faço para chegar ao céu?”.

“A vida do padre é uma cruz; mas se eu não cumprir os compromissos por amor a Deus e ao paraíso carregarei a Cruz de Cristo, mas não sigo a Jesus Cristo, nem chegarei aonde Ele chegou” (II, 1647). As razões do amor são prementes.

“Ele se encarnou por vós. Agiu, anunciou o evangelho e morreu para vós, não querendo que restasse uma só gota de sangue em suas veias, pois derramou tudo sobre vós” (II, 2654).

Pe. Bertoni prega com humildade e simplicidade, mas com a força da palavra da Cruz: “Nós sabemos somente um pouco de moral cristã, das regras universais ou particulares mais necessárias para dirigir as almas. Sabemos pregar simplesmente a doutrina de Jesus Cristo e explicar a sua lei. Somos privados dos floreios da língua e da eloquência do século: não conhecemos as matemáticas profundas e as altas especulações da natureza. (II, 3266). Cristo

não me enviou para batizar, mas para pregar o Evangelho; e isso sem recorrer à habilidade da arte oratória, para que não se desvirtue a cruz de Cristo. (1Cor 1, 17-18)” (II, 3267s).

12 – O CRUCIFIXO NA VIDA DOS FIÉIS

Pe. Gaspar prega também aos fiéis a palavra da Cruz. Nos Exercícios espirituais ao povo na semana santa de 1808 explica quanto chega a pesar um pecado mortal.

“O pecado esa mais que todas as boas obras e penitências dos santos e da própria Virgem. As boas obras colocadas na balança da divina Justiça, como são coisas finitas, não podem satisfazer um débito infinito. Não há, senão a Cruz de Cristo para redimir o pecado. Sexta-feira vos espero, para saber o que quer dizer Paixão de Cristo” (III, 2922).

Na pregação sobre a fé, que o santo preparou para a festa do Patrocínio de Nossa Senhora há um prólogo que merece ser meditado: “Apóstolo e Doutor dos gentios nos advertiu com uma terrível verdade, ouvintes: A Cruz de Cristo, diz ele, para aqueles que vão perecer eternamente é julgada loucura, enquanto os eleitos colhem frutos ricos de virtude divina” (1Cor, 18).

“Eis a miséria e a cegueira fatal a que chegam os que consideram como fraqueza de espírito a fé cristã. Estes merecem firme palavra de reprovação. Já está preparado no céu o decreto que faz com que os sábios deste mundo percam a sabedoria e os prudentes, a prudência (V, 19) (I,1548).

Em ignominiosa confusão de erros e de engano se precipitará a razão humana por querer trilhar o caminho louco que passa pela periferia das luzes divinas. Deus não tornou estulta a sabedoria deste mundo? Como o mundo não quer a sabedoria que Deus comunicou ao entendimento humano para formar uma justa idéia do seu Criador e das relações, Ele salva não os filósofos, mas os fiéis, não os sofistas, mas os que crêem (v. 21) (I, 1549).

Existem alguns que querem ver sinais ou milagres; existem alguns que procuram doutrinas altas e sublimes (v. 22). Mas nós pregamos Cristo crucificado, que se torna escândalo para alguns e ocasião de zombaria para outros (v.23) (I, 1550).

“Eu, porém, não me envergonho do Evangelho (Rm 1, 16). Não permita Deus que eu me glorie em outra coisa senão na Cruz do meu Senhor Jesus Cristo (Gl 6,14)” (I,1551).

Na Missão de São Firmo, em 1816 o Crucifixo dominou o alto do palco, como era costume e a ele Pe. Gaspar se dirigia continuamente. “Deus derramou todo o seu sangue por mim, e eu, nenhuma gota de suor? É impossível salvar-se desse modo! Porque queremos tantos bens, tantos prazeres e tanta glória à custa de Jesus? Porque não O choramos ao menos como as filhas de Jerusalém, se não o ajudamos a levar a Cruz como o Cirineu? Com prazeres e passatempos podemos gozar o que Ele nos conseguiu ao custo de tanto sangue?”.

“É impossível! E com vãs honras cremos que reinaremos eternamente? Não é provável. É caminho falso. Jamais chegaremos lá” (III, 4048).

“Uma dívida imensa contraiu nossos pecados. Não podemos pagá-la a Deus. Jesus veio pagá-la.” (III, 4102). “Olhai o Crucificado ferido em todos os membros por toda sorte de pessoas. Olhai o corpo delicado, torturado por corrente de ferro e bastões nodosos e por carrascos ferozes. Olhai a cabeça transpassada por uma coroa de inaudito sofrimento. Ele pendeu na cruz por três horas, nu, abandonado, morrendo de espasmo sobre o lenho” (III, 4103).

“Um espinho cravado no pé de um leão o faz rugir de impotência. O que seria, então, agüentar a cabeça transpassada e versar sangue por muitas chagas? Acrescentai os opróbrios, os impropérios, as blasfêmias, os tormentos interiores; medi-os com a medida do amor do Pai e do seu ódio ao pecado” (III, 4104).

“Quando pecais tornais a crucificá-lo; anulais a força da Paixão de Cristo, tornando ineficaz a maior obra da onipotente caridade de Deus para vos salvar” (III, 4107).

A missão de São Firmo foi tumultuada do princípio ao fim. Pe. Gaspar encontrou um meio de continuar de forma original, graças ao seu amor à Paixão, os bens fecundos que a missão produziu. Terminada a Missão de São Firmo, Pe. Gaspar continuou a confessar ainda por muito tempo. Para manter o fruto dela fazia todos os dias a Via Sacra com o intuito de que este exercício da Via Sacra fosse uma continuação das Missões; queria que tal exercício servisse para converter os pecadores e fortalecer os bons. Da Via Sacra tomou parte cada dia grande número de pessoas e se via o fruto com muitas conversões e com grande consolidação da piedade. Da Missão de São Firmo, assegura o Lenotti, “teve início a inspiração dos Estigmas”, inspiração que o missionário Bertoni recebeu sobre o palco da Missão dominado por um grande Crucifixo.

(continua)